LABORATÓRIO CRIATIVO: DESPERTANDO O PROCESSO DE CRIAÇÃO NOS ANOS FINAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Jade Gabrielle de Carvalho Arbex, Danilo Santos Moreira, Jéssica Monteiro Pinto.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, jadearbex@gmail.com, danilo.santos0moreira@gmail.com, jessica@univap.br.

Resumo

Este trabalho investiga as contribuições do processo criativo para o estímulo da criatividade nas aulas de Artes Visuais, por meio de uma intervenção pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola pública municipal. A proposta fundamentou-se em referenciais teóricos sobre processo criativo e ensino de Arte, articulando atividades de assemblage, fotografia, colagem e experimentação visual. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, baseada na observação participante e no registro das experiências vivenciadas durante dois encontros realizados com turmas do 7º, 8º e 9º anos. A intervenção demonstrou potencial para favorecer processos de criação mais autônomos, valorizando o percurso criativo em detrimento da busca por respostas únicas ou modelos predefinidos e evidenciando a contribuição dessas práticas artísticas para o desenvolvimento da criatividade e da autonomia dos estudantes.
Palavras-chave: Criatividade. Artes Visuais. Arte-Educação.

Área do Conhecimento: Humanas (INID)

Introdução

A educação artística contemporânea tem deslocado seu foco do produto final para a valorização dos processos de criação (Salles, 2004), compreendendo o fazer artístico como experiência formativa capaz de aprimorar dimensões cognitivas e psicossociais. O ensino de Artes nos anos finais do Ensino Fundamental tem um papel fundamental no incentivo de experiências que possibilitem aos estudantes investigar e construir sentidos por meio da prática criativa contínua, superando concepções que associam a arte exclusivamente ao talento ou à reprodução técnica, com base nas contribuições do pesquisador especializado em processo de criação Charles Watson.

Segundo Dewey (2010), a arte é compreendida como experiência vivida, na qual a aprendizagem e criação convergem no mesmo movimento, assim, o processo criativo passa a ser entendido como espaço de elaboração da subjetividade e potencializa a relação do indivíduo com o mundo. Nesse sentido, ao destacar que a imaginação e a criação são construções socioculturais, desenvolvidas a partir das interações e das experiências acumuladas (Vygotsky, 2009), indica-se que a criatividade pode ser estimulada pedagogicamente por meio de contextos educativos.

Ao olhar para a arte educação brasileira, Ana Mae Barbosa (2010), com sua Abordagem Triangular, defende práticas pedagógicas que integrem a produção, reflexão crítica e a contextualização, reforçando a importância do estudante como agente de sua aprendizagem estética. Tal perspectiva se integra no desenvolvimento da sensibilidade da percepção em conjunto à vivência de processos de experimentação, conceito afirmado por Ostrower (2004) ao conceber a criatividade como organização sensível da experiência humana.

Considerando os efeitos colaterais do período pós-pandemia, observa-se, no contexto escolar, um desafio nos processos de expressão criativa e engajamento dos estudantes, frequentemente marcado pela insegurança diante do erro e pela dificuldade de sustentar processos prolongados, atestando a necessidade de práticas pedagógicas que favoreçam a experiência estética.

Diante dessa problemática, o presente estudo, desenvolvido através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

de Nível Superior (CAPES), propõe a implementação de um conjunto de aulas de Artes Visuais voltadas aos anos finais do Ensino Fundamental (7º, 8º e 9º anos), realizadas semanalmente na EMEFI Vera Lúcia Carnevalli Barreto, em São José dos Campos, com foco na promoção do processo criativo por meio da produção artística contínua, como ferramenta no trajeto pedagógico de experimentação e registro, aproximando-se da perspectiva de Julia Cameron em O Caminho do Artista (1992).

Metodologia

A pesquisa propõe uma análise descritiva de como as etapas do processo criativo podem ser desenvolvidas em sala de aula, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa, fundamentada em pesquisa teórico-bibliográfica e articulada a uma atividade prática a ser observada diretamente. O aprendizado e processos adquiridos ao longo da graduação de licenciatura em Artes Visuais e a experiência vivenciada dentro do contexto da unidade escolar parceira, possibilitam a interpretação dos efeitos das práticas educativas e sua relação com os instrumentos institucionais de ensino.

O plano pedagógico, estruturado especialmente para esse estudo, atua como uma ferramenta no desenvolvimento da criatividade dos alunos, incentivando a prática contínua da criação e propondo a reflexão sobre o percurso criativo. Espera-se que os resultados permitam estabelecer de que maneira a dinâmica recorrente com atividades artísticas pode contribuir para o aprimoramento do pensamento criativo.

Foram realizados dois encontros, de frequência semanal, com turmas de 7º, 8º e 9º anos, contendo aproximadamente 30 alunos cada turma, da EMEFI Vera Lúcia Carnevalli Barreto. As atividades propostas foram voltadas à experimentação artística, apoiada no registro livre de ideias advindas de exercícios disparadores que ativam a sensibilidade estética, beneficiando o contato com a dimensão subjetiva da criação.

O primeiro encontro iniciou-se com uma dinâmica de apresentação e, em seguida, com a introdução da proposta prática. A atividade buscou estimular a experimentação artística por meio da assemblage, colagem e da isogravura, seguindo as temáticas que vinham sendo propostas pelo professor supervisor durante as aulas, adequadas a cada uma das turmas, incentivando os alunos a estabelecer relações entre diferentes imagens e materiais, explorando possibilidades criativas para além de respostas previamente definidas.

Embora a proposta inicial previsse um terceiro encontro voltado à apreciação ampliada e à mostra comentada das produções resultantes da oficina, alterações no cronograma da unidade escolar impossibilitaram sua realização. Ainda assim, os dois encontros realizados forneceram material suficiente para a análise dos processos criativos e das relações estabelecidas pelos alunos com a prática artística proposta.

Esperava-se que cada encontro contribuísse para o enriquecimento do repertório artístico dos alunos e auxiliasse na obtenção de um entendimento da subjetividade, por meio de atividades práticas focadas em uma produção particular de cada estudante e em seu desenvolvimento gradual observável. Mesmo com a redução do número de encontros, foram perceptíveis os indícios desse processo nas produções realizadas e nas reflexões desenvolvidas ao longo da experiência.

Resultados

Houve um alto nível de engajamento dos estudantes durante a realização da atividade em todas as turmas participantes. Apesar de momentos de conversa paralela e dispersão, a maior parte dos alunos demonstrou interesse pela proposta, participando ativamente das etapas de experimentação e concluindo suas produções dentro do tempo disponível. De modo geral, os estudantes compreenderam a dinâmica da atividade e os procedimentos técnicos envolvidos.

Entretanto, foram frequentes os pedidos de orientação durante o processo criativo, especialmente relacionados à interpretação da proposta. Muitos buscavam validação sobre suas escolhas visuais, questionando se suas produções estavam suficientemente abstratas ou se correspondiam ao que era esperado pela atividade. Esse comportamento sugere uma tendência à busca por respostas corretas ou modelos predefinidos, característica frequentemente observada.

Os estudantes do 7º ano demonstraram boa adaptação à proposta, explorando os materiais disponíveis com desenvoltura e apresentando soluções variadas para os desafios apresentados. De

início, os alunos ainda estavam muito presos à ideia de construir uma figura concreta, mas com o auxílio dos bolsistas, identificou-se um aumento gradual de abstração, estimulando o pensamento criativo. Já nas turmas de 8º ano, percebeu-se maior dificuldade na execução técnica da atividade, especialmente entre aqueles que encontravam obstáculos para visualizar ou construir as imagens pretendidas, ainda assim, destacou-se a persistência desses alunos, que continuaram experimentando possibilidades até alcançarem resultados que consideravam satisfatórios.

Nas turmas de 9º ano, observou-se uma maior capacidade de elaborar relações simbólicas e narrativas derivadas das imagens produzidas. Após a conclusão das composições, diversos estudantes passaram a atribuir histórias, significados e conexões entre os elementos utilizados, demonstrando um processo de interpretação e ressignificação que ultrapassa a simples execução técnica da atividade. Tal aspecto sugere uma maior familiaridade com processos de abstração e construção de sentido por meio da linguagem visual, o que é comum nesta etapa de desenvolvimento cognitivo.

Já na semana seguinte, percebeu-se maior segurança dos estudantes durante o desenvolvimento das atividades, os estudantes demonstraram maior facilidade para explicar suas escolhas, atribuir significados às produções e comentar os trabalhos dos colegas, comprovando uma apropriação progressiva da proposta desenvolvida. No 7º ano, as opiniões ficaram divididas: a maioria relatou ter apreciado a proposta por considerá-la mais dinâmica e diferente das aulas convencionais de Arte, enquanto alguns afirmaram não ter gostado da experiência devido à dificuldade em decidir o que produzir ou por acreditarem não possuir criatividade suficiente para desenvolver a atividade.

Para os alunos de 8º ano, a recepção foi amplamente positiva, principalmente pela possibilidade de explorar interesses e referências pessoais nas composições. Entretanto, alguns estudantes relataram dificuldades na execução técnica do processo de entintagem e impressão das matrizes de isogravura, especialmente para construir as imagens que imaginavam inicialmente. Contudo, muitos persistiram na experimentação dos materiais até alcançarem resultados que consideravam satisfatórios.

Quanto ao 9º ano, a avaliação também foi positiva, embora alguns tenham apontado desafios relacionados à aleatoriedade dos elementos disponibilizados, que nem sempre permitia construir exatamente as imagens idealizadas. Ainda assim, as limitações foram incorporadas ao processo de criação por grande parte dos participantes. Ao término da intervenção, o professor supervisor acompanhou a socialização das produções, avaliou positivamente tanto a execução das atividades quanto o envolvimento demonstrado pelos estudantes.

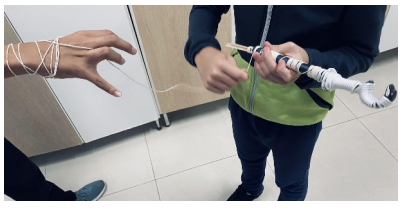
As figuras a seguir mostram parte dos processos e produções realizadas nas três turmas.

Figura 1 - Dinâmica introdutória com os estudantes do 7º ano.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2 - Produção artística de estudantes do 7º ano.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3 - Assemblagem finalizada de estudantes do 7º ano



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 - Orientação durante a atividade com estudantes do 8º ano.

Figura 5 - Processo de elaboração artística de estudantes do 8º ano.

Figura 6 - Matrizes e isogravuras resultantes da produção artística dos estudantes do 8º ano.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 - Orientação durante a atividade com os estudantes do 9° ano.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 8 - Colagem 1 finalizada de estudantes do 9º ano



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 9 - Colagem 2 finalizada de estudantes do 9º ano



Fonte: Acervo pessoal.



Fonte: Acervo pessoal.



Fonte: Acervo pessoal.

Discussão

O processo criativo observado durante a intervenção evidenciou que a produção artística dos estudantes foi construída decorrente de experiências, escolhas, reformulações e associações realizadas ao longo da atividade, e não apenas do resultado final obtido. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Salles (2004), que concebe a criação como uma rede em permanente construção, na qual cada decisão interfere nas etapas seguintes. Assemelhando-se também à afirmação de Alencar (1993), de que a criatividade se revela na criação de um produto ou ideia, bem como no recriar desta ideia ou produto, ressaltando a importância do produto criativo ser uma resposta apropriada a uma dada situação.

Abordando esse conceito no campo da educação e no ensino das Artes, a aula proposta contribuiu de forma experimental para a aplicação do processo criativo nas produções artísticas dos alunos, auxiliando-os a canalizar repertórios de conhecimento em função de suas criações, tornando-as um meio para a expressão de ideias, pensamentos e sentimentos. A proposta fundamentou-se na concepção de Dewey (2010), segundo a qual a aprendizagem artística ocorre por meio da experiência vivida. Durante a oficina, a compreensão dos conceitos não aconteceu apenas pela explicação teórica, mas principalmente pela experimentação dos materiais, pelas escolhas realizadas e pelas reflexões construídas ao longo do fazer artístico.

Durante a realização das atividades, constatou-se que muitos estudantes apresentavam dificuldades em sustentar processos criativos mais longos e em compreender propostas que exigiam maior abstração. Considerando esse cenário, a atividade foi planejada para propiciar experiências sucessivas de experimentação artística, introduzindo gradualmente situações que estimulam a compreensão da abstração e do processo criativo mediante a prática contínua. Essa observação dialoga com Vygotsky (2009), que compreende a criatividade como resultado das experiências e

interações sociais, assim, a implementação de situações de experimentação contínua torna-se um meio de ampliar o repertório dos estudantes e promover uma evolução gradual da autonomia criativa.

Adicionalmente, a proposta contemplou momentos de produção, apreciação e reflexão sobre as produções realizadas, aproximando-se da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010), ao integrar o fazer artístico, a leitura das imagens e a contextualização das experiências vivenciadas pelos estudantes. Por esse motivo, focou-se muito mais em uma vivência prática aos alunos do que em um embasamento teórico de uma aula convencional, o uso de bases já aplicadas pelo professor supervisor e a união entre as propostas facilitou esse processo, visto que os alunos, de certa forma, já estavam familiarizados com noções de Assemblagem, Fotografia e Gravura (Isogravura) e seus processos de criação.

Durante as atividades de assemblagem propostas pelo professor supervisor da Unidade Escolar, aplicadas na turma de 7º ano, foi notável que grande parte dos alunos ainda não desenvolveu o pensamento abstrato na criação artística, focando em figuras concretas, como robôs, fadas, foguetes, entre outros. Dessa forma, a prática de assemblage, que consiste na criação de composições tridimensionais a partir da junção de objetos variados, e que podem ter diversas formas, tamanhos e texturas, é resumida à produção de brinquedos com elementos recicláveis.

Com o amparo dos conceitos desenvolvidos e apresentados pelo psicólogo Jean Piaget sobre a transição entre pensamento concreto e abstrato, compreende-se que a técnica de assemblage é um importante elemento para ajudar a desenvolver conceitos cognitivos dos adolescentes. Como mostra Piaget (1973), “No estágio operatório formal (12-13 anos) desenvolve-se progressivamente a capacidade de efetuar operações mentais não só com objetos concretos, mas também com símbolos”, situando nessa etapa o desenvolvimento do pensamento abstrato, obras mais complexas e não-concretas passariam a ser experimentadas pelos alunos.

As produções desenvolvidas pelos estudantes do 7º ano corroboram essa afirmação, uma vez que a predominância de figuras concretas sugere que muitos ainda se encontravam em processo de consolidação do pensamento abstrato. Em contraste, os estudantes dos 8º e 9º ano demonstraram maior facilidade em estabelecer relações simbólicas em suas produções, reforçando a progressiva consolidação do pensamento abstrato descrito por Piaget (1973).

A necessidade recorrente de validação por parte dos estudantes durante as atividades demonstra que muitos ainda associavam a produção artística à existência de respostas corretas. Ao longo da oficina, entretanto, nasceu um aumento da confiança para experimentar diferentes soluções visuais, sugerindo que práticas voltadas à valorização do processo criativo podem contribuir para uma conquista gradual da autonomia e da expressão individual.

Estabeleceu-se um contato maior entre os alunos e as concepções abstratas da linguagem artística, estimulando a desconstrução de um imaginário estritamente concreto. Aproveitou-se da construção desse repertório por meio do plano pedagógico do professor regente e das participações em sala de aula por meio dos bolsistas, conciliando as aulas já aplicadas e o tema que iam abranger ao longo do bimestre para cada turma, para que as oficinas práticas propostas para essa pesquisa fossem uma extensão do que já haviam estudado.

Uma consolidação de práticas voltadas ao aprimoramento do processo criativo demanda continuidade e acompanhamento ao longo do tempo, a redução do número de encontros constituiu uma limitação da pesquisa. Apesar disso, os dois encontros realizados permitiram identificar mudanças no modo como os estudantes lidaram com a experimentação artística, constatando o potencial da proposta para privilegiar a criatividade, a autonomia e a construção de sentidos.

Conclusão

A análise simultânea do processo e de seus resultados permite concluir que houve avanços na compreensão estético-sensível dos estudantes, sendo possível reconhecer o desenvolvimento de processos criativos individuais e coletivos ao longo da proposta, apesar das dificuldades iniciais encontradas por parte de alguns participantes. O levantamento das observações realizadas durante as oficinas evidenciou que os alunos foram gradualmente ampliando sua capacidade de experimentar, estabelecer relações entre imagens e materiais diversos, construir narrativas visuais e atribuir significados às próprias produções.

As intervenções também possibilitaram reflexões acerca da subjetividade presente na criação artística, especialmente ao confrontar concepções recorrentes baseadas em juízos de valor estético como "belo" e "feio". Ao longo das atividades, buscou-se conduzir uma compreensão de que tais categorias são relativas e que diferentes soluções visuais podem desempenhar funções expressivas distintas dentro de uma obra, contribuindo para a ampliação do repertório estético dos estudantes.

Os resultados dialogam com as reflexões de Fayga Ostrower sobre a criatividade como um processo de construção de sentidos que se desenvolve durante o próprio fazer artístico. Em diversas situações, os significados das produções surgiram com auxílio da experimentação e das associações realizadas pelos estudantes, e não de conceitos previamente definidos. As observações aproximam-se das discussões de Charles Watson acerca da importância da exploração, da incerteza e da abertura para múltiplas possibilidades dentro do processo criativo. A recorrente busca dos alunos por validação e por respostas corretas evidenciou a necessidade de práticas pedagógicas que impulsionam a autonomia criativa e a valorização do percurso de criação.

Embora a proposta tenha sofrido adaptações em relação ao planejamento inicial, especialmente pela redução do número de encontros previstos, a experiência demonstrou o potencial das práticas de assemblage, colagem e experimentação visual como dispositivos pedagógicos para a elaboração da criatividade, da percepção estética e da expressão individual. Portanto, entende-se que a atividade contribuiu para aproximar os estudantes de uma compreensão mais ampla do fazer artístico, valorizando não apenas o resultado final, mas também os processos, descobertas e reflexões construídas ao longo da criação.

Agradecimentos

Agradecemos imensamente a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e seu Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por viabilizar a realização deste trabalho científico.

Referências

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Criatividade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CAMERON, Julia. **O caminho do artista**. Rio de Janeiro: Sextante, 1992.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

VYGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.